

# Introdução ao pensamento de Marx<sup>1</sup>

## I.

Nenhum pensador teve mais influência que Marx, e nenhum foi tão mal compreendido. Ele é um filósofo desconhecido. Muitos motivos fizeram com que seu pensamento *filosófico* permanecesse envolto em penumbra até os nossos dias. Destaco o motivo principal: o marxismo. O marxismo é um obstáculo entre Marx e nós.

É certo que o marxismo provém de Marx, mas seguiu um caminho próprio. Voltado essencialmente para a ação política e seus problemas, só considerou da obra de Marx aquilo que poderia ser útil para essa ação, a fim de ajudá-la e fortalecê-la. A teoria não foi totalmente descuidada, pois ela se torna uma força quando atinge as massas. Porém, só foi levado em conta um breve resumo dessa teoria, um resumo a serviço da práxis revolucionária. Durante essa elaboração, textos filosóficos fundamentais permaneciam inéditos e desconhecidos. Ao serem publicados, após a consolidação doutrinária

do marxismo-leninismo, provocaram estranheza. Tal estranheza permite medir a importância das sedimentações sucessivas que esconderam e, muitas vezes, alteraram as intuições originais de Marx. Queremos efetuar um retorno a essas intuições originais. Isso pressupõe colocar entre parênteses o conteúdo específico do marxismo, seja qual for o seu valor intrínseco. *Retroceder até a origem do marxismo, tal é a introdução ao pensamento de Marx.*

Logo indicaremos por que é tão necessário efetuar esse retorno. Por muito tempo, e ainda hoje, o marxismo se apresentou como materialismo dialético e histórico. Mas o primordial é que o pensamento de Marx não tem nenhuma relação profunda com o materialismo. Se, em uma busca por computador, levantarmos todos os textos do próprio Marx em que aparece o termo “matéria” ou o adjetivo “material”, que ele usava mais, encontraremos significados rigorosamente determinados pelo contexto, mas todos remetendo a um sentido fundamental e decisivo. Em conformidade com esse sentido último, o único que nos pode dar a significação final da filosofia de Marx — ou seja, daquilo que se chama seu “materialismo” —, material quer dizer “subjetivo”. Voltarei a esse ponto.

A dialética tem um papel secundário em Marx. É um resto de hegelianismo que se esvai na medida em que seu pensamento se afasta definitivamente de Hegel. Para Marx, não há uma *essência dialética*,

como um poder que atravessa tudo, constituindo sua lei interna e sua realidade última, uma oposição pura que existe substancialmente como oposição, automovimento do real, fundador desse real em sua própria negatividade. O fundo das coisas não é um movimento único, uma força universal, um processo. Quando ele fala em oposição, em contradição, trata-se de outra coisa: a oposição, a contradição, nunca é primordial, mas sim os termos nos quais ela se estabelece. Esses termos, por sua vez, nunca são entidades gerais, classes, estruturas, e sim realidades particulares, determinadas, singulares. Tais realidades particulares é que são primordiais. Os choques e os conflitos, os equilíbrios mais ou menos duráveis, são sempre o efeito dessas realidades e de suas determinações específicas, os seus pontos de encontro.

O que acabamos de dizer da dialética vale para a história. Consideremos, por exemplo, uma proposição marxista: “A história de toda sociedade até os nossos dias é a história da luta de classes.” Para mim, essa proposição, considerada com rigor, não tem sentido para o filósofo Marx. Para que ela tenha sentido, é preciso primeiro que algo como a história exista. Para Hegel há uma história, isto é, uma realidade substancialmente una, ontologicamente existente, que é a objetivação do Espírito, entendido como o princípio único de toda a realidade. A história é a realidade desse Espírito, seu futuro concreto

como futuro fenomênico, sua manifestação. A história pertence à fenomenologia do espírito. Como se considera que esse devir fenomênico encontra seu princípio na oposição pura e na negatividade, a história, por natureza, é também dialética.

Nada disso existe em Marx. A história não é a autorrealização de uma substância homogênea, não é a realização de uma realidade universal e absoluta. Ao contrário, ela admite pressupostos. *A ideologia alemã* distingue três, que se resumem na explicitação do primeiro. Eis o texto: “O primeiro pressuposto de toda história dos homens é, naturalmente, a existência de indivíduos humanos vivos.”<sup>2</sup> A existência desses indivíduos implica que eles satisfaçam as exigências imediatas da vida. Que trabalhem, transformem a natureza que os cerca e produzam os objetos necessários à vida. Essa existência implica também que eles se reproduzam, mas de tal modo que nunca a família, a produção, o trabalho e a necessidade possam ser considerados realidades últimas. Desde *A sagrada família*, Marx rejeita o mito da história e sua absolutização. A Bruno Bauer — que, como Hegel, subordina o homem à existência de uma história da qual ele seria a simples mediação, e que entende essa história como o lugar da verdade —, Marx opõe a objeção radical de uma filosofia do indivíduo: “A história torna-se, portanto, como a verdade, uma pessoa à parte, um sujeito metafísico, do qual os in-

divíduos humanos reais são meros representantes.” E ainda: “A história não é nada. [...] Não é a história que se serve do homem como de um meio para realizar seus próprios objetivos, como se ela fosse um personagem particular; ela é apenas a atividade do homem que persegue seus objetivos.”<sup>3</sup> Não existe história. Existem indivíduos históricos.

Assim como rejeita o conceito de história, Marx, pelos mesmos motivos, rejeita o conceito de classe social, no sentido em que é habitualmente entendido: uma realidade consistente, que existe por si, dominando o indivíduo e determinando-o, de modo que cada indivíduo só é o que é, com suas características próprias, se pertence a uma classe. A classe constituiria a substância de seus membros; na ordem ontológica, haveria uma preexistência da classe em relação ao indivíduo. Na margem do manuscrito de *A ideologia alemã*, Marx anotou: “Preexistência da classe nos filósofos”, isto é, em Max Stirner, nos neo-hegelianos e na filosofia idealista que, na Alemanha, prolonga a de Hegel. O conceito de classe é um conceito hegeliano. Para Marx, a afirmação do primado da classe sobre o indivíduo pertence à ideologia. Vejamos o texto onde está a anotação marginal acima referida. Marx escreve: “A afirmação que se encontra com frequência em St. Max [Stirner] de que tudo o que cada um é lhe vem do Estado equivale à afirmação de que o burguês é um exemplar da bur-